

RECIPEB: Revista Científico-Pedagógica do Bié

ISSN: 2789-4487

Vol. 3, Nº 1, Janeiro – Junho, 2023

A fotografia: recurso de ensino-aprendizagem na 10ª classe- territórios e populações mais antigas

La Fotografía: Recurso de Enseñanza-Aprendizaje en la clase 10- Territorios y Poblaciones Mayores

The Photography: Teaching-Learning Resource in the 10th class- older Territories and Populations

Waldmar Cahila¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5320-7492>

João Sicato Kandjo²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1659-9674>

RECEBIDO: Janeiro, 2023 | **ACEITE:** Abril, 2023 | **PUBLICADO:** Junho, 2023.

RESUMO

O presente artigo é resultado de uma aula prática, desenvolvida pelos autores na comuna do Trumba, Município do Kwítu, Província do Bié, no Liceu nº174 Chinduva. O mesmo tem como objectivo, analisar a utilização da fotografia como recurso no Ensino-Aprendizagem da História, num contexto real e prático. Na sua concretização, recorreu-se aos métodos quer teórico como empírico: indução-dedução, observação directa, revisão bibliográfica e análise documental. Depois de várias investigações concluiu-se que a fotografia é um recurso extremamente importante para o processo de Ensino-Aprendizagem da História, uma vez que, a sua utilização em sala de aula, permitiu aos alunos, por meio das observações das fotografias, identificar sujeitos, descrever as fotografias e instigou-lhes a indagar ou questionar sobre o que eles observavam. Daí que é necessário a sua utilização como recurso, pelo facto de estimular a inteligência dos alunos e permite, ao professor, a utilização de uma metodologia mais activa e participativa.

Palavras-chave: fotografia; recurso didático; ensino-aprendizagem da História.

RESUMEN

¹ Docente. Instituto Superior de Ciências de Educação do Huambo. Angola. Correio electrónico: waldmar69@gmail.com.

² Docente. Instituto Superior de Ciências de Educação do Huambo. Angola. Correio electrónico: sicatokandjo10@gmail.com.

Este artículo es el resultado de una clase práctica, desarrollada por los autores en la comuna de Trumba, Municipio de Kwítu, Provincia de Bié, en el Liceu nº174 Chinduva. El objetivo es analizar el uso de la fotografía como recurso en la Enseñanza-Aprendizaje de la Historia, en un contexto real y práctico. En su implementación se utilizaron métodos tanto teóricos como empíricos: inducción-deducción, observación directa, revisión bibliográfica y análisis de documentos. Luego de varias investigaciones se concluyó que la fotografía es un recurso sumamente importante para el proceso de Enseñanza-Aprendizaje de la Historia, ya que su uso en el aula permitió a los estudiantes, a través de la observación de fotografías, identificar sujetos, describir fotografías, y los instó a indagar o cuestionar lo que estaban observando, por lo que es necesario utilizarlos como recurso, ya que estimula su inteligencia y permite al docente utilizar una metodología más activa y participativa.

Palabras clave: fotografía; recurso didáctico; enseñanza-aprendizaje de la Historia.

ABSTRACT

This article is the result of a practical class, developed by the authors in the commune of Trumba, Municipality of Kwítu, Province of Bié, at Liceu nº174 Chinduva. The objective is to analyze the use of photography as a resource in the Teaching-Learning of History, in a real and practical context. In its implementation, both theoretical and empirical methods were used: induction-deduction, direct observation, bibliographic review and document analysis. After several investigations, it was concluded that photography is an extremely important resource for the History Teaching-Learning process, since its use in the classroom allowed students, through the observations of photographs, to identify subjects, describe photographs, and urged them to inquire or question what they were observing, which is why it is necessary to use them as a resource, as it stimulates their intelligence and allows the teacher to use a more active and participatory methodology.

Keywords: photography; didactic resource; teaching-learning of History.

1. INTRODUÇÃO

Delimita-se a presente comunicação, a fotografia como recurso de Ensino-Aprendizagem da História, sua aplicação no tema: II- Angola-O território e as populações mais antigas, na 10ª classe em Angola.

Este tema é uma continuidade das classes anteriores (5ª e 7ª), uma vez que os alunos possuem uma base que os possibilita compreender o território de Angola e as suas populações mais antigas. Para tal, o principal objetivo deste trabalho, é analisar a utilização da fotografia como recurso no ensino da História, num contexto real e prático de uma aula ministrada pelos autores (Waldmar Cahila e João Sicato Kandjo), no Liceu nº174-Chinduva, na Comuna do Trumba, Município do Kwitu, Província do Bié, na 10ª classe, turma: A, período matinal.

A escola possui oito (8) salas, mas os professores trabalharam na turma (A), composta por 40 alunos, vinte e três (23) do sexo masculino e dezassete (17) do sexo feminino; com a faixa etária compreendida entre os 17 e 21 anos, sendo que a maioria está com 19 anos, o que corresponde a um total de 25 alunos com esta idade.

Esta é uma etapa da vida em que os indivíduos começam a conhecer a si mesmos e a desenvolver uma independência e adaptação progressiva aos núcleos sociais da família, da escola e da comunidade (Griffa e Moreno, 2008).

É uma fase caracterizada por um instável comportamento, através das variações altitudinais, a instabilidade e a contradição que são indícios de imaturidade que demonstra que o indivíduo não tem confiança em si, e que procura se adaptar às novas situações que deve assumir no grupo social.

Apesar das características apresentadas acima, a maioria possui um salutar comportamento e aproveitamento escolar na disciplina de História. As relações entre os

alunos são saudáveis, porque tem havido cooperação entre eles, durante o processo de ensino-aprendizagem.

Quanto à relação professor – aluno, também é saudável, em função do intercâmbio, bem como do respeito mútuo, que contribuí bastante para o bom desenvolvimento do processo de Ensino – Aprendizagem. A relação entre a escola e a família ou encarregados de educação é salutar, uma vez que, maior parte dos encarregados, acompanha o desempenho dos seus educandos durante o ano lectivo, em função deste aspecto, considera-se que a relação família- escola é regular; o que corresponde, acertadamente, com as novas tendências pedagógicas.

Qualquer professor que tenha trabalhado com a disciplina de História conhece, perfeitamente, as dificuldades que estes profissionais têm enfrentado, de forma permanente, no exercício das suas actividades, sobretudo, no que concerne à motivação dos alunos, tendo em conta a utilidade prática dos conhecimentos ou dos fenómenos que são trabalhados em sala de aula; daí que se torna cada vez mais difícil motivá-los.

Neste contexto, o professor precisa ser dinâmico e criativo na sala de aula, fundamentalmente na selecção de métodos e de meios de ensino, já que estes elementos são extremamente importantes e tornam a aula mais atrativa e, naturalmente, despertam a curiosidade de aprendizagem nos alunos.

Certamente, as imagens fotográficas, constituem um recurso de ensino que, por si só, chamam atenção e, conseqüentemente, despertam curiosidades nos alunos; além de desenvolverem capacidades de interpretação e indagação sobre o que reflete as próprias figuras. Por esta razão, a sua utilização, constitui uma estratégia fundamental para alcançar os objectivos propostos pelo professor.

Nesta perspectiva, a utilização de imagens fotográficas no ensino da História, pode trazer diversas informações que tem que ver com a própria cultura, tempo e outras realidades sociais, para além de despertar sentimentos e imaginações por parte do estudante (Júnior e Silva, 2019).

No intuito de contribuir para um ambiente propício de efetivação de uma aprendizagem significativa, no Liceu Chinduva nº174, na comuna do «Trumba», município do Kwitu, Província do Bié e não só; os autores do presente artigo propõem a utilização das imagens fotográficas como recurso de ensino nas aulas de História, tendo em conta os resultados alcançados, tal como constam no último ponto deste estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Recursos/Meios de Ensino-Aprendizagem

Efectivamente, “os meios de ensino, são todos aqueles componentes do processo docente e educativo que servem de suporte material aos métodos, para possibilitar o cumprimento dos objectivos traçados” (André, 2014, pp. 63-64).

A variedade de meios de ensino passa, necessariamente, pela utilização de livros escolares, fragmentos de magazine instrutivos, vídeos, imagens, mapa, tabela, excertos de jornais e dados estatísticos (André, 2014).

Na perspectiva de Bittencourt (2009) citado por André (2014) os materiais didácticos, funcionam como uma espécie de instrumento de trabalho, tanto do professor como do aluno, na mediação do processo de ensino-aprendizagem.

Na perspectiva de Piletti (2004), citado por Fernandes (2021), é necessário que os professores desenvolvam uma visão mais ampla e variada sobre os meios de ensino. Certamente, a chamada de atenção ao que o autor citado se refere, faz todo o sentido, na medida em que, cada vez mais, vão surgindo vários meios e estratégias de ensino e a

fotografia é sem dúvidas um destes recursos de ensino que surgiu, praticamente, nos anos de 1929, com a escola dos *Annales*.

Segundo Bloch (2001), citado por Canabarro (2008, p.78), “é preciso utilizar documentos bem diversificados, tais como: arqueológicos, artísticos, numismáticos” etc.

Essas abordagens sobre as várias fontes para a construção do conhecimento histórico trouxe, para o âmbito didático, uma variedade de meios para ensinar a própria História. Naturalmente, esses estudos, provocaram um aumento significativo; não só da produção do próprio conhecimento histórico, mas também abriu grandes possibilidades de um novo formato para o ensino da própria História.

Na visão de Alves:

Ao ensinar a disciplina de História é necessário seleccionar recursos e estratégias que visam o desenvolvimento de, sobretudo, três competências: capacidades de interrogar as realidades sociais numa perspetiva histórica; interpretar as suas vivências segundo o método histórico; e construir a sua consciência como cidadão com ajuda da História. (Alves, 2016, p.23).

Aplicação da fotografia na aula de História, como meio de ensino ou recurso didático, constitui um elemento fundamental e determinante, para facilitar a compreensão dos alunos em relação ao conteúdo, sendo que, para além deste elemento, os mesmos podem ainda desenvolver outras habilidades.

2.2. A Fotografia e sua problemática no Ensino da História

A rápida industrialização e a conseqüentemente aceleração do surgimento de novas tecnologias em várias áreas do saber, tem levado ao aumento considerável da linguagem visual, ou seja, imagética "que acaba transformando um espaço urbano em uma sucessão contínua de imagens que são produzidas e reproduzidas pelos indivíduos" (Albuquerque, 2003 citado por Santos, Miranda & Gonzaga, 2018).

Neste sentido, segundo os autores supracitados, a "fotografia actua, não só como manifestações artística-cultural, mas como factor preponderante de reconhecimentos e análise dos espaços que vivenciamos e da realidade que nos cerca" (Santos, Miranda e Gonzaga, 2018, p.1).

Na perspectiva do ensino da História, a utilização da fotografia e certamente de outros recursos relativos ao visual, tem sido uma tendência para dinamização no processo de ensino-aprendizagem, provalmente pelos padrões vigentes através da era digital/informática, mas está realidade tem sido vista por muitos professores de forma muito sética tal como afirma Guerra e Benvenuti (2015):

Atualmente vivenciamos a grande problematização da utilização de imagens vinculadas ao ensino de História, onde grande parte dos professores possui um seticismo em relação à utilização da imagem, como recurso didático por não apregoar as leituras necessárias a sua representatividade iconográfica, não podendo assim aproximar-se deste meio como fonte de aprendizagem ao seu aluno ou quando a utiliza a emprega inadequadamente. Isso se deve ao facto de que o próprio professor não foi instruído ou não se deu o trabalho de aprender como utilizar este maravilhoso recurso, estamos acostumados a reproduzir o que nos foi passado e queremos que está prática permanece inalterada ; através de uma tradição sem precedente este recurso vem sofrendo depreciação se comparado a texto e videos (Guerra e Benvenuti, 2015, p.5).

Muitíssimo interessante as reflexões apresentadas pelos autores acima, uma vez que, percebe-se claramente que é, extremamente necessário, olhar ao processo de ensino-aprendizagem da História de uma forma dinâmica e não estática, ou seja, é primordial que

os professores se actualizem de forma permanente, do ponto de vista profissional e desenvolvam, também, a sua capacidade de criatividade, porque essas novas tendências exigem dele uma formação constante, para que não utilize esses meios de forma inadequada. De contrário, vende-se a ideia de que, a utilização destes métodos modernamente recomendáveis, não constitui um meio eficaz para a concretização das aprendizagens históricas.

Nesse contexto, é determinante que o professor seja um individuo capaz de experimentar sempre novos desafios, através da sua criatividade e da sua dinâmica como gestor principal das aprendizagens dos alunos. E, certamente, corrobora-se as ideias de alguns autores quando afirmam que, muitos professores, encontram-se ancorados pelas metodologias obsoletas. É desta forma que, mais uma vez, reitera-se a necessidade permanente da actualização profissional por parte dos professores.

Este ceticismo apresentado por alguns professores leva a que, grande parte destes, utilize, de forma recorrente em suas aulas, textos e videos que parecem ser um trabalho mais facilitado se comparados à fotografia, mas vale realçar que, a utilização da fotografia no ensino da História, é extremamente fundamental para o desenvolvimento de certas habilidades e, por sua vez, é necessário que a escola, do ponto de vista estrutural, esteja em condições, como sustenta Ferreira e Silva:

A escola não é neutra em relação às transformações socioculturais, económicas, políticas e históricas que ocorrem desde o estabelecimento da fotografia /imagens como recurso didático, mesmo que a maioria deles ainda não apresenta as condições para o seu funcionamento integrador/construtor, incluindo a formação adequada dos professores para este novo mutável cenário tecnológico, para criar oportunidades de construção de conhecimento mais eficientes e motivadoras (Ferreira e Silva, 2011, citado por Santos, Miranda e Gonzaga, 2018, p.2).

De facto, as condições relativas à escola, são claramente fundamentais para o êxito deste processo, porque é verdade que, muitas escolas sob a égide do Estado, não apresentam condições, tal como se fez referência anteriormente, para se efectivar uma aprendizagem defacto, mas o professor pode activar o seu lado criativo, melhorando as condições de trabalho, para não cair na rotina, como declara Ramos e Rosa:

Os professores das escolas estatais enfrentam constantes dificuldades em utilizar novas metodologias didáticas dentro do ambiente escolar, geralmente por falta de espaço e equipamentos adequados, que acabam deixando exposta metodologia de ensino vagas, culminado com o desinteresse dos alunos, colocando a questão de gerar produtividade nas aulas como um desafio arduo para os professores (Ramos e Rosa, 2008 citado por Barros, Da Silva, De Oliveira e Silva, 2018, p.1).

Por exemplo, o trabalho com fotografia requer, nos dias de hoje, condições básicas como: uma retroprojectora, computador e energia, só para citar alguns. Mas os autores do presente texto, mesmo sem estes meios procuraram fazer uma adaptação em função da sua realidade para estimular as capacidades cognitivas em variados níveis como sustenta Sousa (2007) citado por Barros, Da Silva, De Oliveira e Silva (2018) a utilização de diferentes tipos de recursos didáticos é extremamente fundamental porque estimula de forma fácil a produção dos alunos para além de activar a sua inteligência e a sua criatividade.

Neste sentido, o professor tem de ser um artista, porque " trabalhar com um recurso didático que requer habilidades visuais, intelectuais, literária e cognitivas e que se classificam como género artístico literário, que não faz parte do cotidiano dos alunos, é um desafio quase imensurável, mas não impossível" (Santos, Miranda e Gonzaga, 2018, p.3). Por esta razão, " o uso da fotografia, como recurso didático, é uma forma de agregar

social e tecnologicamente os alunos e os docentes com bagagens culturais e conhecimentos distintos e, muitas vezes, complementares, trazendo benefícios aos envolvidos nessa troca e nessa construção" (Santos, Miranda e Gonzaga, 2018, p.3).

2.3. A fotografia como recurso no ensino da História e sua Importância

Na perspectiva de Guerra e Benvenuti (2015), a ideia de olhar as imagens fotográficas como uma leitura de vários elementos contidos na própria foto, que compreende a cultura, a sociedade de forma geral e a imersão de uma história de modo a formar fontes que expressam valores sociais, históricos e culturais.

Os autores vão mais longe ao referir que:

A imagem representada por meio da fotografia além de ampliar o nosso conhecimento, pode sim ser considerada como uma fonte histórica que pode ser utilizada como estratégia pedagógica de ensino para a compreensão do passado, traçando um paralelo com a História presente e as técnicas que venham analisar e reflectir tal ferramenta em sala de aula como registro da memória retratada por meio da História (Guerra e Benvenuti, 2015, p. 10).

Efectivamente, a utilização de fotografia, aumenta o nível de conhecimento porque, de certa forma, pode servir de estímulo para activação da memória e trazer, na sala de aula, uma vivência com grandes sentimentos de emoção, afecto; fazendo, muitas vezes, com que os alunos se identifiquem com os conteúdos trabalhados nas aulas, tal como afirmam os autores abaixo.

A fotografia possui um papel educativo extremamente importante, porque possibilita uma variedade de percepções e forte construção de conteúdos que constituem a produção da subjectividade, sendo assim, o auxílio do educador, neste processo de utilização de imagens, é definitivamente fundamental para observação e análise das imagens uma vez que, o aluno, poderá eleger elementos centrais que norteiam o seu olhar em relação às imagens e identificar questões que, sem auxílio adequado, podem passar despercebidas (Santos, Miranda e Gonzaga, 2018, p.1).

A participação do professor como mediador neste processo é, sem dúvida, primordial tal qual nos dizem os autores supracitados, para que o referido meio (fotografia) seja produtivamente explorado, mais uma vez, vale realçar que a utilização da fotografia como meio de ensino deve ser feito por um profissional preparado para o efeito. Daí que é importante que os profissionais da educação estejam em constantes actualizações, participando em seminários, conferências e tantas outras atividades de ensino e investigação, para que estejam bem preparados.

Este meio, quando é utilizado de forma adequado, para além de desenvolver várias habilidades aos alunos, pode estimular sentimentos, emoções em relação ao que se observa como sustenta Cavalcante (2014), citado por Barros, Da Silva, De Oliveira e Silva (2018), a fotografia como um instrumento de sensibilização, que pode provocar novas percepções, incetivando o ensino através da observação, provocando uma mudança em relação ao que se estuda, neste sentido, o aluno é visto como um agente de transformação social, que de resto é o principal objectivo da educação.

A fotografia, tal como foi dito anteriormente, passa a ser um instrumento extremamente valioso no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo no ensino da História, onde os alunos precisam estabelecer uma relação de espaço e condições climatéricas entre o passado e o presente, tentando olhar para uma perspectiva futura. Por exemplo, a temática apresentada pelos autores neste artigo, é sobre a pré-história (paleolítico, mesolítico e neolítico) períodos que, do ponto de vista ambietal, sofreu bastante transformação, então uma ilustração pode levar o aluno a uma percepção mais próximo do

real, como relata Eckrert, Victor e Coelho (2016), citado por Barros da Silva de Oliveira e Silva, (2018). A fotografia é importante como ferramenta para a percepção ambiental e para a compreensão dos comportamentos e das relações entre o indivíduo e a natureza, ou seja, o ambiente.

Este tipo de acção pode transformar o aluno num agente multiplicador de acções em prol da conservação ambiental. O principal problema da actualidade prende-se com as temáticas sobre o ambiente, em função da crise climática, que nos últimos dias as sociedades em geral têm enfrentado com a poluição ambiental; então, os professores, têm uma oportunidade para desenvolver, também, uma educação ambiental com a utilização deste magnífico meio.

Dessa forma, a utilização da imagem fotográfica, pode ser utilizada em função, não apenas da necessidade do professor em apresentar aos alunos, representações que lhe mostrem o que está a ser estudado, além das ilustrações que constam nos materiais didáticos, mas também da própria temática desenvolvida na sala de aula (Travassos, 2001, citado por Barros, Da Silva, De Oliveira e Silva, 2018).

O professor ao ilustrar a imagem, durante a explicação, vai despertando a atenção e curiosidade por parte dos alunos sobre o assunto, além de desenvolver outras habilidades como: identificação, descrição, indagação e questionamentos.

Com a utilização de uma fotografia, o professor, poderá levar os alunos a entrarem em contacto directo com o passado e trazer-lhe a possibilidade de um cenário real, sobre o acontecimento trabalhado na sala, pois, ela possui várias informações, tal como Ruffato & Reginato declaram:

Esse registo, como em todo acto fotográfico, está permeado por intencionalidades, são propagadores de mensagens que afetam e carregam em si ideologias, sentimentos, denunciam diferentes maneiras de coabitar e ser. Estão imprimindo no mundo que ganha características cada vez mais virtuais, uma imagem de si mesmo, escolhendo o que mostrar e o que ocultar, sem que se percebam desses factos (Ruffato e Reginato, 2019, p. 288).

A tentativa de compreensão em relação aos conteúdos da foto por parte dos alunos, poderá certamente, motivá-los para aprendizagem.

Ser professor de História é uma tarefa que é exercida com muita dificuldade, principalmente na hora de motivar os alunos:

Estudar a História em toda sua dimensão pressupõe o uso do mais alto nível de pensamento abstrato ou formal, a dificuldade para o ensino-aprendizagem da História consiste na impossibilidade de importar o passado ao presente, enquanto as chamadas ciências exactas ou experimentais, permitem repetir em laboratórios a maior parte dos fenómenos que são trabalhados em sala de aula. (Prats, 2006, p. 202).

Certamente, corrobora-se a ideia apresentada pelo autor, na perspectiva em que, por exemplo, nenhum professor consegue trazer na sala de aula, do ponto de vista concreto, o paleolítico ou neolítico, a guerra civil em Angola, o que se pode fazer e que certamente Cândida Proença apresenta, também, em sua obra “Didáctica da História”, é levar o aluno ao passado através da imaginação e do contexto em que o facto histórico é trabalhado; para evitar, desta forma, o anacronismo histórico, o que não acontece com as ciências experimentais, tal como a Física ou a Química que, de forma permanente, os professores experimentam, nos laboratórios, os fenómenos trabalhados durante as aulas.

2.4. Breves considerações sobre o programa de História da 10ª classe

O programa é equilibrado, na medida em que, a definição dos objectivos, ronda em torno dos níveis de conhecimento e de compreensão; que são apropriados para esta classe, de acordo com a taxinomia de Bloom. O mesmo acontece com os respetivos conteúdos. Mas, também, em alguns momentos regista-se uma utilização inadequada do verbo conhecer, que pode ser entendido por compreender uma vez que já são temas trabalhados nas classes anteriores; fala-se, precisamente, da 5ª, 6ª e 7ª classes.

Os temas apresentam certas sistematizações, tendo em conta o contexto, mas é necessário melhorá-los. As sugestões metodológicas são as mais adequadas, em função do novo paradigma do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, a “escola nova”, onde o estudante, segundo o construtivismo de Piaget e a pedagogia liberal de Paulo Freire, assim como o humanismo de Carl Roger, é visto como um sujeito activo na construção do conhecimento. Os tempos lectivos da 10ª classe apresentam melhor equilíbrio, em função da experiência laboral e há um certo cumprimento dos objectos traçados.

Quanto à corrente historiográfica, optou-se pela escola dos Annales/Nova História, por admitir a existência de várias fontes, das quais, se destacam a escrita e a oralidade/entrevista. Aliás, foi esta defesa de (Bourdé e Martin, 1983; Legoff, 1995 e Nora, 1977).

Depois da escola Metódica, Positivista, Marxista/Materialista surge, então, no ano de 1929, a escola dos Annales (Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel...) que passa a reflectir e racionalizar as diversas fontes que existem para a produção de novas interpretações sobre o passado. Com efeito, passou-se a contar com a oralidade, a escrita e a matéria, bem como a relação da história com outras áreas do saber, nomeadamente, a Linguística, Arqueologia, Antropologia, Etnografia, Geografia, entre outras (Canabarro, 2008).

Curiosamente, as escolas (Winsconsin-Norte-Americana-cujo fundador foi Philip Curtin; a de Dakar-Senegal- fundada por Yves Person e Jean Devisse e com grandes contributos de Abdoulaye Aly e Cheikh Anta Diop; Dar-es salaam-Tanzânia- por Isaria Kimambo e Arnold Temu e, finalmente, as da África do Sul- cujos contributos dados por Sol T. Plaatje, Monica Wilson e Leonardo Thompson) defendem a pluralidade de fontes e a interdisciplinaridade entre a ciência histórica com as demais, nomeadamente, a Arqueologia, Linguística, Sociologia, Antropologia, Etnografia, entre outras.

Todas as narrativas apresentadas acima, que trouxeram variedades de fonte históricas, vão definitivamente, fazer nascer, no ensino da História, uma variedade de meios ou recursos de ensino, e a fotografia é um destes recursos, que surge nestes contextos.

2.5. Alguns exemplos de fotografias a serem utilizadas para aprendizagem do tema II: Angola-O territórios e populações mais antigas.

Na presente secção os autores pretendem ilustrar algumas fotografias a serem utilizadas na sala de aula com vista a facilitar a aprendizagem dos alunos sobre o tema em estudo. Nesse tema, o professor aborda o seu primeiro subtema 2.1: Vestígios arqueológicos do Paleolítico e do Neolítico, cujos objectivos do domínio cognitivo é:

- Citar os primeiros povos habitarem Angola;
- Identificar o período em que o ser humano começou a praticar a agricultura e a domesticação de animais;
- Caracterizar o Paleolítico e o Neolítico.

Neste subtema o objectivo do **domínio sócio-afectivo desenhado pelo professor é:**

- Valorizar a actividade agrícola como um facto fundamental para o desenvolvimento de Angola.

Para além de algumas imagens que o material da 10ª classe traz e que foram usadas pelos professores durante aula, pode recorrer-se a outras imagens que, de alguma forma, podem sustentar a aula sobre a temática em questão. Nesta aula, tal como consta nos objectivos acima, o primordial é fazer com que os alunos saibam diferenciar o paleolítico do neolítico, períodos extremamente importantes para a História, além de se olhar para os povos mais antigos que habitaram o País (Angola).

No município do Kwitu, mais concretamente na comuna (Trumba) em que se realizou o estudo, não é possível encontrar esses povos, logo, o professor pode trabalhar com as fotografias abaixo, para que os alunos tenham uma ideia real sobre os «Kung» e «Kwedi», tido pela História Geral de África como os primeiros povos a habitar o território de Angola.

Ilustração nº1. Uma família Kung numa zona comercial rural com vários *kefis*, em Ondova (Oshimolo Cunene).



Fonte: Leonardo Pedro, 2022.

Apesar destes povos hoje se apresentarem de forma extremamente diferente, em função do processo que Pedro e Mussili (2022) chamam de “Batuização” isto é, adoção massivamente da cultura Bantu, do ponto de vista físico, continua apresentar as mesmas características, logo, os alunos poderão observar a cor da pele desses povos, a altura, o porte físico e perceber a dificuldade que os especialistas tiveram em distinguir os «Kung» dos «Kwedi». Desta maneira, na percepção dos autores, a História deixa de ser aquela disciplina do passado que apenas trata de questões obsoletas e abstratas. Assim, os alunos poderão saber que os «Kung» e «Kwedi» existiram e existem e podemos localizá-los no Cunene para além de outras províncias e que são pessoas reais e não invenção da História.

Ilustração nº. 2. Uma família composta pelo soba Kani (Kung), a sua esposa (Kung) seguida por uma anciã Kwedi, depois pela irmã do soba (Kung) e por último uma anciã Kwedi. São conhecedoras da tradição oral Kung em Okafima (Oshimolo Cunene).



Fonte: Leonardo Pedro, 2022.

Neste período em estudo, o cultivo do Massango, tal como consta mais adiante, foi uma prática bastante corrente no Neolítico, e hoje dificilmente se registra essa prática, daí que uma ilustração como consta abaixo, pode fazer toda diferença na vida dos alunos.

Ilustração nº3. Um pequeno campo de cultivo de Massango (Milho miúdo ou painho) de uma família Kung em Okafima (Oshimolo-Cunene).



Fonte: Leonardo Pedro, 2022.

Para o sucesso dos alunos com esse recurso, sugere-se a utilização de metodologias colectivas ,como a "Elaboração Conjunta" , que permite uma interação entre professores e alunos e alunos e alunos. A partir desta interação se pode construir um conhecimento, trabalhando nas experiências que os mesmos trazem em relação ao tema, experiências trabalhadas durante a aula.

A elaboração conjunta é uma metodologia que através dos seus procedimentos instiga os alunos a envolverem-se cada vez mais no processo de ensino-aprendizagem, desta forma os mesmos são obrigado a desenvolverem estudos independentes para que possam participar durante as aulas, já que o professor considera a contribuição dos alunos na construção do conhecimento dentro da sala de aula, trazendo e compartilhando com os demais colegas as suas experiências de vida e o professor procura relacionar com os conteúdos desenvolvidos.

Isto sem dúvidas faz com que os alunos sintam-se como partes determinantes no processo de ensino-aprendizagem.

O cultivo de várias plantas, como o milho, sorgo, feijão etc. é uma realidade que faz parte do seu dia-dia- uma vez que, grande parte deles, pratica agricultura de subsistência. O professor ao desenvolver esta temática tem de trabalhar com as experiências que os mesmos trazem em relação ao cultivo dessas plantas.

3. METODOLOGIA

Para Carvalho (2009, p. 83), “o termo método significa literalmente seguindo um caminho, cuja origem é grega (*metá*-conjunto e *hodós*-caminho) referem-se a especificação dos passos a serem dados em certa ordem para se chegar ao objectivo”. Esta ideia também é defendida por Morfaux e Lefranc (2005), para eles, a palavra método quer dizer encaminhamento, que tem a ver com vários procedimentos e técnicas que são usados durante a investigação, por formas a se chegar ao cumprimento do objectivo.

Concomitantemente, considera-se metodologia, “o conjunto sistemático e crítico dos diferentes métodos utilizados, de forma particular nas ciências humanas” (Morfaux e Lefranca, 2005, p. 398, citados por Kandjo e Lopes, 2021, p. 60).

O método em referência consubstancia-se em estar presente no local, cujo objectivo é fazer com que as populações passem a conhecer e a compreender a história localizada no âmbito da sua geografia (Kandjo e Lopes, 2021). Para a materialização do presente estudo, recorreu-se aos diferentes métodos e técnicas, tal como consta mais abaixo:

3.1. Observação simples

Trata-se de uma observação que normalmente é feita pelo investigador, sem a utilização de máquinas, como refere Rivière “a observação simples utiliza apenas os nossos sentidos.” (Rivière ,2016, p.27). Foi interessante observar a expressão corporal dos alunos no momento em que observavam e descreviam as referidas imagens, pois, foi possível notar o nível de motivação extrínseca que os mesmos denunciavam.

Segundo Lakatos e Marconi (1992), defendem que, esta, seja a forma mais adequada para se colectar as informações para verificar a realidade estudada, o que ocorreu. Finalmente, Gil (2008) e Rúdio (1980) clarificam que a observação é uma forma exploratória dos sentidos que o ser humano usa para ter acesso a certas informações.

3.2. Análise Documental:

Utilizou-se a fotografia como um documento tal como um livro didático, onde se podem ler várias informações que se podem encontrar para além das imagens representadas pela própria foto, este exercício fez-se na sala de aula, com os alunos e a análise que se fez no programa de História da referida classe.

3.3. Revisão Bibliográfica

A revisão da literatura foi importante num trabalho de mesa desenvolvido pelos autores que os permitiu revisar e seleccionar os referentes teóricos, que sustentam a fundamentação teórica e didáctica do presente estudo.

3.4. Dedutivo-Indutivo

Constitui-se, fundamentalmente, na análise e interpretação dos resultados, partindo de uma visão concreta, trata-se precisamente da utilização das imagens fotográficas como recurso didático no Ensino da História, no Liceu Chinduva nº174 para uma visão geral e, obviamente, de uma visão geral para uma realidade cultural.

3.5. Tipo de Pesquisa

Pela análise que será feita, optou-se pelo tipo de pesquisa descritiva, tal como afirma Gil “é a que habitualmente os pesquisadores sociais preocupados com atuação prática utilizam” (Gil, 2008, p.28). Para o mesmo autor, este tipo de pesquisa, é a mais solicitada

por instituições educacionais. Por se constituir uma análise prática sobre a utilização das imagens fotográficas como recurso no ensino da História, os autores propuseram-se à utilização da referida pesquisa.

3.6. Descrição da aula desenvolvida

Como já foi dito no capítulo introdutório do presente artigo, a aula foi ministrada pelos autores no dia 22 de Março de 2022 no Liceu nº174-Chinduva, localizado na Comuna do Trumba, Município do Kwitu, Província do Bié, na 10ª classe, turma: A.

Tal como foi dito da introdução a turma é composta por 40 alunos, sendo maior número do sexo masculino. A aula teve uma duração de 135 minutos, sendo três tempos que, normalmente, são atribuídos à disciplina de História, nesta classe. Onde cada tempo tem a duração de 45 minutos, com um intervalo de cinco minutos, fazendo desta forma um total de três aulas dadas.

Quanto aos objectivos da aula que já foram declarados anteriormente e, em relação à sua metodologia e procedimentos de Ensino, utilizou-se a "Exposição oral pelo professor" (exposição problemática, explicação, ilustração e exemplificação); a "Elaboração conjunta" (conversação didáctica) e "Trabalho Relativamente Independente": trabalho individual /grupo sob orientação do professor.

Em relação aos meios de ensino utilizados pelos professores, recorreu-se aos tabuleiros didácticos (quadro, giz e apagador); Mapa; imagem fotográfica (fotografia); e Material impresso: Manual de História da 10ª classe. Avaliação aplicada durante as aulas foram, a "diagnóstica", que se fez no princípio da aula, como consta em anexo (ver plano de aula) e a "formativa" feita durante as aulas.

Durante a aula verificou-se a participação permanente dos alunos, como constam mais abaixo na análise dos resultados. Utilizou-se metodologia a nível individual e colectivo, ou seja, primeiro os professores procuram trabalhar com os alunos de forma individual e posteriormente de forma colectiva, razão pelo qual, nos resultados apresentados, os professores utilizam denominações individuais (aluno-A) e grupal (alunos 10ª).

4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Durante a aula, os professores, foram fazendo contextualizações, "porque a História, como conhecimento do passado, é um processo de construção de uma narrativa, logo, necessita de um trabalho de aproximação entre a sociedade passada e contemporânea" (Alves, 2016, p.22). Nas contextualizações, recorria-se sempre a utilização das imagens fotográficas que suportam o presente artigo na medida em que, cada uma delas, corresponde a uma habilidade trabalhada na sala de aula, tal como consta nos objectivos definidos acima.

Além da contextualização, os professores procuraram, também, trabalhar as habilidades de identificação, descrição, indagação dos alunos, através de perguntas que permitam o desenvolvimento das referidas habilidades, como consta a tabela abaixo.

Tabela 2: Questões trabalhadas com os estudantes na sala de aula.

Questões Reflexivas	
▪	O quê são esses objectos nas fotografias?!
▪	O quê está vendo nas fotografias?!
▪	Por que estão aí?!
▪	Servem para quê?!
▪	Como eram feitos esses objectos?!
▪	Quem os fazia?

Fonte: Elaboração própria dos autores, 2022.

A actividade foi feita em sala de aula e consistiu em analisar as fotografias e fazer uma comparação com as suas experiências, olhando sempre pelo seu contexto. A seguir, exibem-se alguns exemplos de respostas dadas pelos alunos, em função das observações que foram fazendo em cada fotografia, como consta nas figuras mais abaixo. De ressaltar que as mesmas foram escritas, tal como os mesmos responderam de forma individual/grupal, e que se utilizaram letras (A, B, C), como forma de indentificar os alunos e consequentemente preservar a identidade dos mesmos.

Figura nº 1: Representação do Mapa-mundi, em destaque a pré-história.



Fonte: Manual de História da 10ª Classe.

Figura nº 2: Plantações de milho na Aldeia do Trumba



Fonte: Waldmar Cahila, 2022.

Vejo um mapa onde aparecem vários continentes que são África, Europa, Ásia, América do Sul, América do Norte e Oceânia. Na África vejo o milho-miúdo, sorgo café e a

melancia. Sr. Professor, também vejo o Oceano Atlântico, Pacífico e o Índico. Na imagem ao lado, apresenta-se o cultivo do milho aqui no Trumba (aluno A, 2022).

O comentário acima mostra, claramente, que o aluno foi capaz de identificar, descrever e relacionar com a sua realidade. Percebe-se, efectivamente, que na composição da resposta, há identificação dos continentes e dos oceanos e também uma descrição dos produtos cultivados no continente africano, desde plantas como o milho, sorgo, Melancia, bem como a capacidade de estabelecer uma relação com a sua localidade, o que constitui uma aprendizagem significativa. Daí que nas figuras ilustradas anteriormente pelos autores consta o sorgo, para que os mesmos tenham oportunidades para observar e perceber que não se trata de um conhecimento inventado, mas sim vivido em um determinado contexto histórico.

Figura nº 1, 2, 3 e 4: na fig.1 observa-se a ilustração de Arpões, na fig.2 é possível observar instrumentos vários, na fig.3 observa-se o seixos decorados com símbolos em ocre e na fig.4 ilustra-se um dos instrumentos mais conhecidos da pré-história, o Biface de Silex, C 200.000 a.C.



Fig. 1 Arpões.



Fig. 2 Instrumentos vários.



Fig. 3 Seixos decorados com símbolos em ocre.



Fig. 4 Biface de silex, C. 200 000 a.C.

Fonte: Manual de História da 10ª Classe.

“Vejo vários objectos, tipo pedras, paus e uma pedra tipo diamante, nas pedras aparecem alguns riscos, numa pedra aparece uma cruz e os paus são tipo facas Sr. Professor” (aluno B, 2022).

O comentário ora exposto, referente às figuras número um, dois, três e quatro (1, 2,3 e 4), nota-se uma grande capacidade de observação por parte do aluno, em identificar e descrever algumas figuras que aparecem alguns pedaços de pedra. Quando o aluno relaciona os micrólitos com uma pedra de diamante, estabelece uma ligação entre o passado, o presente e a sua realidade já que a Província do Bié é rica na exploração de mineiros, grande com particularidade o diamante. São estes instrumentos que o homem utilizou durante muito tempo para manipular a natureza em benefício próprio. Entre os instrumentos destacam-se a catana , picareta, enxada, etc.

Desta forma, os alunos perceberam que neste período da História, a "pedra" era a matéria prima para fábrica de vários instrumentos que os homens deste período utilizavam para desenvolver várias actividades para a sua sobrevivência. Daí , este período receber a designação de "paleolítico", por a "pedra" constituir a ferramenta mais importante.

Figs: 5 e 6: na fig.5 , uma ilustração de como os homens da pré-histórica caçavam um animal do porte de um elefante. Nessas figuras, o objectivo é simplesmente interpretar a primeira figura.



Fonte: Manual de História da 10ª Classe.

Professor, nós conseguimos ver nove (9) homens caçadores a matarem um elefante grande, com paus compridos, num jardim, mas também tem uma montanha e um rio. Professor, ninguém consegue matar um elefante com paus, porque o elefante é um animal muito grande e muito perigoso (alunos da 10ªA, 2022).

A resposta acima, referente à imagem de número cinco (5), explicita que os alunos trabalharam as habilidades citadas no corpo do trabalho. É possível notar, nos seus comentários, a capacidade de identificar e descrever os sujeitos (homens caçadores, quase sem roupas) a matarem um elefante e conseguiram criar uma situação de conflitos de ideias, já que alguns colegas diziam ser possível matar um elefante, até porque eram nove (9) homens.

Tratava-se de um período da História em que os homens não possuíam tantas condições materiais, tal como hoje para praticar a caça permitida. Também vale realçar que se coloca alunos da 10ªA ao invés de aluno. A ou B, como foi feito anteriormente, porque nestas figuras, os professores orientam aos alunos que respondam em forma colectiva e não de forma individual, para perceber até que ponto os mesmos perceberam as observações feitas pelos seus colegas.

Através desta fotografia, os professores relacionaram com a História do surgimento do Viyé (Bié), já que em sua narrativa , trata-se de um homem caçador que teria alvejado um elefante, que teria fundado o território do Viyé (Bié), fazendo com que os alunos encontram sempre uma relação com a sua vida prática e diária da sua localidade.

Figs: 5 e 6: na fig.6 , uma ilustração de como os homens da pré-história praticavam a pesca . Nessas figuras, o objectivo é simplesmente interpretar a segunda figura.



Fonte: Manual de História da 10ª Classe.

Professor, estamos a ver uma imagem de um tio com o seu filho, a matarem peixe, num rio com paus que têm pontas tipo garfo e tipo faca. Como faziam para matar peixe com isso dentro da água, os peixes que são bem rápidos (alunos da 10ªA, 2022).

A resposta acima é referente à imagem de número seis (6). Na mesma, também é possível perceber claramente que para além dos alunos identificarem e descreverem os sujeitos (um tio com o seu filho) desenvolveram uma reflexão no sentido de identificarem os tipos de instrumentos que os mesmos homens utilizavam, bem como a capacidade de questionamento que os mesmos já começam a desenvolver, ao questionarem-se como era possível matar peixes dentro da água naquelas condições.

Como se constatou na fundamentação teórica, a utilização da fotografia como recurso de ensino na aula de História, permitiu o professor desenvolver uma aprendizagem em que os alunos apresentaram-se em vários momentos da aula como sujeitos ativos e participativos no processo de ensino-aprendizagem, o que constitui uma aprendizagem significativa, tal como refere Guimarães (2012) citado por Júnior e Da Silva (2019):

No processo de ensino-aprendizagem, o aluno exerce um papel activo: constrói conhecimento, desenvolve actividades, discute, participa, busca informações, (re) cria textos variados. E o professor orienta e conduz o trabalho na busca de respostas aos problemas levantados. A aprendizagem se processa de forma contínua, activa e questionadora (p.15).

No decorrer da aula, os alunos, apresentavam-se bastante interativos, animados e muito participativos, porque, de alguma forma, sentiram-se valorizados dentro do processo, porque o conhecimento construído na aula era em função das narrativas e reflexões que eles próprios faziam com grande participação já que, em alguns casos, tratava-se de actividades que os seus pais fazem, por exemplo: a prática da agricultura e a criação ou domesticação de animais, que tem tudo a ver com o tema desenvolvido na aula.

5. CONCLUSÕES

O processo de ensino-aprendizagem da História é consciente, dirigido e sistematicamente organizado, com vista ao atendimento às formas de transmissão, aquisição e melhoramento de conhecimentos, hábitos, habilidade e valores, isto quer dizer que os alunos adquirem novos padrões comportamentais exteriorizados de forma objectiva e subjectivamente nas relações com os demais membros da sociedade ou comunidade.

Tal como consta nas análises e interpretações dos resultados acima, no final da aula percebeu-se claramente que a utilização das imagens fotográficas permitiu aos professores não apenas alcançar os seus objectivos, mas também desenvolver nos alunos habilidades de identificação, descrição, indagação e de relacionar os factos trabalhados em sala de aula e as suas experiências vividas naquela localidade. O que pressupõem uma aprendizagem significativa, correspondendo desta forma com as novas tendências pedagógicas, isto é, fazer com que os alunos sejam elementos determinantes na construção dos seus conhecimentos.

6. REFERÊNCIAS

Alves, A. L. M. (2016). Epistemologia e o ensino da História. *Revista História Hoje*, 5 (9), 1-22.

André, R. H. (2014). O Ensino da História em Angola entre 1960 e 2012: Evolução, formação de professores e cooperação internacional, (Tese de Doutoramento) Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt>

- Arruda, C. M. C. (2019). Ensino da História e Política em Angola (1950-1978) (Tese de Doutorado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br>
- Barros, K. M. S., Da Silva, L. B., De Oliveira, L. S. H., & Silva, T. J. V. (2018). O uso da fotografia como ferramenta pedagógica no ensino das ciências. Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino nas Ciências.
- Bourdé, G. & Martin, H. (1983). As Escolas Históricas. Lisboa: Publicações Europa/América.
- Canabarro, I. S. (2008). Teoria e Método da História I. São Paulo: Editores Unijuí.
- Canabarro, I. S. (2008). Teoria e Método da História II. São Paulo: Editores Unijuí..
- Dias, A.I. S. (2012). A Fotografia no Ensino da História. (Dissertação de Mestrado) Universidade do Porto.
- Diogo, F. (2010). Desenvolvimento Curricular. Luanda: Plural Editores.
- Fernandes, W.C. (2021). Práticas Pedagógicas e o Ensino-Aprendizagem da História. Luanda: Nhconteúdo.
- Freire, P. (1987). Pedagogia do Oprimido. 17ªed. São Paulo: Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2008). Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6ªed. Editora Atlas. [PDF]. Disponível em: [https:// www.amazon.com.br](https://www.amazon.com.br).
- Griffa, M. C. & Moreno, J. E. (2008). Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento. 4ªed. Editoras Paulinas.
- Guerra, T.G.C. & Benvenuti, J. (2015). A fotografia como uma nova estratégia para o Ensino da História. Revista Lhiste, Porto Alegre, nº3. (2) 611-625.
- Júnior, A. F. S., & Da Silva, D.A.M. (2019). A fotografia na aula de História. Itinerius Reflection Revista Eletrônica de Graduação e Pós-graduação em Educação, 15 (1), 1-22.
- Kandjo, J.S. (2021). Uma visita à Ombala Ndala Kandumbu: contributo para a historiografia dos reinos Ovimbundu. *RAC: Revista Angolana de Ciências*, 1 (2), 120-140.
- Kandjo, J.S. e Lopes, N. A. (2021). Métodos para a investigação histórica. *RECIPEB: Revista Científico-Pedagógica do Bié*. 1(2), 148-166.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M.A. (1992). *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo, Atlas.
- Le Goff, J. (1995). A História Nova. São Paulo: Martins Fontes.
- Leonardo, P. T. & Mussili, P. L. (2022). Os Khoisan de Angola perante os desafios do panorama actual: a integração socio-política e económico dos povos Kwedi e Kung do Cunene. Njinga e Sepé. *Revista Internacional de Cultura Línguas Africanas e Brasileiras*, (2) 623-643.
- Libâneo, J. C. (2006). Didáctica. São Paulo: Cortz Editora.
- Ministério da Educação. (2014). *Programa de História da 10ªclasse*. Editora Moderna.
- Nora, P. (1977). Historiens, Photographes: voir et Devoir. In. Caujolle, Cristian (Dir) *Ethique, esthique, politeque*. Arles: Actes Sud.
- Pedro, B. (2012). Manual de História da 10ª classe. Luanda: Textos Editores.
- Piletti, C. (2004). Didáctica Geral. 23ªEdição, São Paulo: Editora Mica.

Prats, J. (2006). *Ensinar História no Contexto das Ciências Sociais, Princípios Básicos*. São Paulo: UFPR.

Revière, C. (2016). *Introdução à Antropologia*. Edições 70, Lda.

Rúdio, F. V. (1980). *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. Petrópolis Vozes.

Ruffato, K. M., & Reginato, L. M. (2019). Fotografia, Tempo e Ensino da História: articulações para uma aprendizagem significativa, *Revista História e Ensino*, 25 (1), 279-304.

Santos, M.K., Miranda, J. C. & Gonzaga, G. R. (2018). A fotografia como recurso didático. *Educação Pública*.

APÊNDICES

Figura nº 1 e 2: na primeira figura observa-se um dos autores dentro da sala de aulas com os referidos alunos da Turma: A 10ª classe, curso: Ciências Humanas.



Fonte: Imagem captada pelos autores, 2022.

Figura nº 1 e 2: na segunda figura observa-se o Liceu nº174-Chinduva, localizado na comuna do Trumba, Município do Cuito, Província do Bié. De referir que a mesma dista 22 Km do Município do Cuito.



Fonte: Imagem captada pelos autores, 2022.